FACULDADE Eficaz
BOLETIM

DISLEXIA, DESAFIOS EM SALA DE AULA NO ENSINO FUNDAMENTAL

MANTOVANI, Natalia Graziela

Resumo: Vivemos em uma sociedade que durante muitos anos excluiu de forma bastante rígida a pessoa com qualquer tipo de transtorno ou distúrbio, classificando-o como incapaz, atualmente o estudo desses “problemas” informou a sociedade como um todo e trouxe à comunidade escolar conhecimento para identificar o aluno com necessidades especiais. Desenvolvido através de pesquisas bibliográficas para conceituar e identificar as características e especificidades da Dislexia (Distúrbio Neurológico Específico da Linguagem) a fim de desmistificar o estigma de alunos preguiçosos, desinteressados e incapazes de aprender, este artigo tem como objetivo principal esclarecer esse distúrbio, entender as reais necessidades do educando e possibilitar ao educador o alargamento de suas funções junto às práticas que facilitem o aprendizado do disléxico, tornando o processo mais interessante e eficaz.

Palavras-chave: Dislexia. Dificuldades. Reconhecimento.

Abstract: We live in a society that for many years excluded quite rigidly the person with any disorder or disturbance , classifying it as unable , currently the study of these " problems " reported the company as a whole and brought to the school community knowledge to identify students with special needs. Developed through literature searches to conceptualize and identify the specificities of Dyslexia (Specific Neurological Disorders Language) in order to demystify the stigma of lazy students, uninterested and unable to learn , this article aims to clarify this disorder , understanding real needs of the learner and the educator enable the extension of his duties with the practices that facilitate the learning of dyslexic , making it the most interesting and effective process.

Keywords: *Dyslexia. Difficulties. Recognition.*

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo falar sobre a dislexia, quais as principais causas e consequências, como deve ser feito seu diagnóstico, seus possíveis tratamentos e principalmente como o professor pode ajudar essas crianças nos primeiros anos do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano.

Encontramos muitos alunos que apresentam quadros de reprovação e evasão escolar, principalmente quando se deparam com alguma dificuldade de aprendizagem, desta forma, como trabalhar com a criança disléxica? Esse artigo apresenta algumas opiniões sobre este assunto, mostrando a importância de um diagnóstico correto e monitorado onde o aluno recebe acompanhamento profissional em todo o processo educacional.

O trabalho contém pesquisas bibliográficas com intuito de orientar pais e professores a lidarem com a dislexia contribuindo de forma satisfatória no processo de ensino e aprendizagem.

O tema foi escolhido por sua complexidade e a falta de preparo do professor quanto as formas de lidar com a dislexia, levando em conta a heterogeneidade de cada aluno e sua função principal que é estimular a vontade de aprender.

O projeto se dará através de pesquisas bibliográficas em livros e internet com o intuito de ampliar o conhecimento sobre o tema e buscar o entendimento quanto as limitações de um disléxico, para que desta forma o professor possa compreender as dificuldades do aluno e planejar a melhor forma de garantir o aprendizado a ele no Ensino Fundamental.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O QUE É DISLEXIA?

Termo utilizado para classificar uma criança com dificuldade para ler e escrever, é um distúrbio de aprendizagem onde existe a dificuldade de decodificação de palavras simples, tanto na leitura, quanto na escrita e na fala, a criança que possuí dislexia tem também uma baixa autoestima o que a leva em pouco tempo a desistir da escola, a ter dificuldades em se relacionar com os outros, e desta forma se faz necessário a ajuda de profissionais capacitados.

> É um distúrbio específico da linguagem de origem constitucional caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Estas dificuldades na decodificação de palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar da instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e sem distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo da aquisição da linguagem. A dislexia é apresentada em várias formas de linguagem, frequentemente incluídos problemas de leitura, em aquisição e capacidade de escrever e soletrar. (Associação Brasileira de Dislexia, 2005)

O professor e a família são os principais mediadores deste processo, são eles que estimulam e intermediam o conhecimento e o tratamento recomendado para cada caso.

> Uma criança que vive em ambiente familiar equilibrado e que lhe oferece condições mínimas de experimentar e expressar suas emoções tem chances de lidar com maior segurança e tranquilidade com seus sentimentos e pode, dessa maneira, trabalhar com seus sucessos e fracassos de forma mais adequada. (MARTINELLE, 2004, p. 114).

A dislexia é classificada em vários grupos, cada um com sua especificidade, os principais profissionais envolvidos nesse processo de tratamento são: professores, pedagogos, psicólogos e fonoaudiólogos.

A dislexia é um transtorno genético e hereditário, o que significa que alguém em sua família tem esse distúrbio, eminente ou não, e se não tratada existe a possibilidade de se agravar trazendo sérias consequência para a vida do portador tanto em seu cotidiano escolar quanto social.

A dificuldade de aprendizagem não é a causa da dislexia, a criança que possui essa patologia tem uma inteligência média ou acima da média, se acompanhada por um profissional pode ter excelente desenvolvimento.

3. TIPOS DE DISLEXIA

São três, os tipos mais comuns encontrados, Border citado por Costa e Morais (2002), definem como sendo: disfonéticos, deisedeticos e os mistos.

Disfonéticos são classificados por fazer uma boa leitura das palavras que possuem conhecimento prévio, ou seja memorizam visualmente, porém ao se deparar com uma palavra nova, não conseguem efetuar a leitura, e diversas vezes utilizam-se de métodos de adivinhação levando em conta o contexto da leitura, desta forma erros como a troca da semântica e grafemas são comuns, assim como a alteração na ordem das letras e sílabas, síntese e discriminação dos sons, dificuldade na percepção da sucessão e duração dos sons e diferenciação na análise; os deisedeticos possuem a leitura mais lenta, mas correta, de palavras conhecidas e desconhecidas e demonstram dificuldade apenas em palavras irregulares como berinjela por exemplo, onde o som da consoante se confunde com o de outra (G/J), possuí uma característica reversa e inversa, se confundindo na maioria das vezes e por terceiro os mistos, tipo mais grave de dislexia, possuem todas as dificuldades acima citadas e também apresentam confusões espaciais, neste caso é necessário um grupo de especialistas para o tratamento, e estudo de cada caso em particular.

> Como todos os alunos, a criança disléxica reagirá a elogios e encorajamentos. “O reconhecimento das dificuldades da criança e um acompanhamento adequado

> permitirão que a criança acompanhe a classe, sem prejuízo do seu rendimento e evitarão prejudicar seu desenvolvimento emocional". (LANHEZ E NICO, 2002, p. 75/76)

Toda criança com diagnóstico de dislexia precisa de atendimento especializado, motivação, estabilidade emocional e ensino apropriado, com completa cooperação entre especialista, professores e pais.

4. DIAGNÓSTICO

O diagnóstico de cada tipo de dislexia deve ser acompanhado minunciosamente por uma equipe multidisciplinar, composta por médicos, psicólogos, psicopedagogo, fonoaudiólogo, neurologistas, professores etc. apenas essa equipe pode diagnosticar ou não essa patologia, levando em consideração desde problemas visuais e auditivos, déficit de atenção à uma má escolarização por parte da escola.

> A dislexia normalmente não é diagnosticada até a idade escolar, usualmente não antes do final da primeira ou segunda série. Contudo, está se tornando progressivamente claro que percussores da dislexia estão presentes antes da idade escolar. Clinicamente, as histórias pré-escolares de alguns disléxicos, mas não todos, contém informações sobre retardo leve ao falar, dificuldades de articulações, problemas ao aprender os nomes das letras ou nome das cores, problemas para encontrar palavras, sequência errada das sílabas ("aminais" por animais, "donimós" por "dominós") e problemas para lembrar endereços, números telefônicos e outras sequências verbais. Indagar sobre cada um desses possíveis problemas é uma parte importante a ser registrada na história clínica em caso de suspeita de dislexia. (PENNINGTON. 1997, p. 65)

Os autores, Ianhez e Nico (2002) citam alguns sintomas encontrados nas crianças em idade pré-escolar que caracterizam a dislexia, são eles:

- Dificuldade na aquisição e desenvolvimento das habilidades linguísticas.
- Dificuldade em aprender as sequências diárias.
- Dificuldade com análise e síntese do som de uma palavra.
- Dificuldade na linguagem e na fala: vocabulário pobre, disnomias, sentenças curtas e imaturas.
- Lentidão na cópia, necessidade de apoio.
- Dificuldade no ditado, na cópia e na escrita espontânea: trocas visuais, auditivas, espaciais, omissões, inversões e aglutinações de fonemas e logatomas.
- Dificuldade com a leitura, muitas vezes negando-se a fazê-la.
- Reconhecimento pobre de rima e aliteração. - Desatenção e dispersão.

- Dificuldade com a coordenação motora fina: disgrafia e desenhos.
- Dificuldade com a coordenação motora grossa: “desengonçado” nas aulas de educação física.
- Desorganização geral: nos trabalhos escolares (lição de casa etc.), no tempo etc.
- Dificuldades visuais: postura da cabeça, desorganização na folha.
- Confusão entre direita e esquerda (lateralidade), com mapas, dicionários etc.
- Dificuldade com memória imediata: instruções, dígitos, tabuadas, sons de fonemas etc.
- Dificuldade na matemática (discalculia) e desenho geométrico.
- Problemas de conduta na sala de aula: é “exibicionista” ou tímido.
- Desempenha-se muito bem nas provas orais, contradizendo os resultados das provas escritas.
- Alguns possíveis sinais de dislexia na infância:
- Atraso no desenvolvimento motor (engatinhar, sentar-se e andar);
- Atraso ou deficiência na aquisição da fala;
- Dificuldade para entender o que está ouvindo;
- Distúrbio do sono;
- Enurese noturna;
- Suscetibilidade às alergias e as infecções;
- Tendência à hiper ou hipoatividade motora;
- Chora muito e parece inquieta ou agitada com frequência;
- Dificuldade para aprender a andar de triciclo;
- Dificuldades de adaptação nos primeiros anos escolares.

Nem sempre o problema está na criança, os processos educacionais podem não condizer com a necessidade do aluno, assim como a alfabetização precoce, evidente nesta nova lei, onde a criança que completa 6 anos até o dia 31 de março inicia o 1º ano do ensino fundamental, não estando pronta para o processo de aprendizagem.

Assim que o diagnóstico for positivo a escola deve proporcionar ao aluno todo apoio profissional, de forma que sua aprendizagem não seja prejudicada, se necessário proporcionar

aulas diferenciadas com materiais que facilitem a sua memorização a partir de imagem ou outros materiais.

Neste processo se faz importante o ambiente escolar ser acolhedor, toda atitude tomada dentro do ambiente escolar será decisiva na vida de um disléxico, é a base que lhe dará confiança para ultrapassar os seus limites e enfrentar as dificuldades que encontrará em seu caminho e desta forma ele também poderá gozar de sua vida escolar, profissional e pessoal com maior capacidade de sucesso.

5. INTERVENÇÃO, MEDIAÇÃO E MOTIVAÇÃO

O professor precisa conhecer o distúrbio da Dislexia e entender que a forma de lidar com o aluno portador deste, terá deveras que ser diferenciado, é muito comum o diagnóstico errado do problema, essa precipitação pode causar o desânimo, evasão escolar e até mesmo desenvolver outros tipos de transtornos e a resistência quanto ao processo de ensino e aprendizagem.

Considerada uma dificuldade específica de aprendizagem a dislexia apresenta um carácter permanente, com limitações significativas na atividade e participação do aluno, nas suas aprendizagens.

É importante lembras que existe proteção a esses alunos considerados como NEE (Necessidades Educacionais Especiais). Na lei de Diretrizes e Bases da educação- LDB7, diz:

> Art. 5º Consideram-se educandos com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem:
>
> I - Dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:
>
> a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica;
>
> b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências;
>
> II – Dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis;
>
> III - altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes. (LDB art.5)

No entanto sabemos que o preconceito atinge até mesmo os pequenos e para isso não se tornar um transtorno são necessárias medidas preventivas e informativas quanto à dislexia, o professor deve tratar o aluno com a mesma naturalidade utilizada no tratamento dos demais, deve utilizar-se de uma linguagem clara e objetiva olhando diretamente para o aluno, trazendo-o para perto e sempre que necessário verificar, discretamente, se ele está acompanhando.

O papel dos pais nesse processo também é de extrema importância, a valorização de cada atividade desenvolverá e/ou restaurará sua motivação e autoconfiança, sem esquecer que devido a esse transtorno, sem esquecer que o desenvolvimento dele é mais lento que os demais a paciência deve ser executada a todo momento, quanto as formas avaliativas, o aluno disléxico precisa de um tempo maior, é bastante aconselhável que seja feito parte oral, pois o aluno tem maior facilidade em falar do que em escrever o que entendeu.

Em sala de aula estratégias diferenciadas de ensino devem ser utilizadas com recursos estimulantes para que o aluno disléxico possa ver, sentir, ouvir e manusear, essa técnica estimula o aprendizado e facilita o entendimento, além de envolver todos os alunos de forma a desenvolver além do físico e psíquico, o social, jogos, cartazes e outros são opções de integrar, motivar e interagir com a sala e principalmente com o aluno disléxico.

Pereira (2008), considera o PEI (Programa Educativo Individual) um documento que assume importância para apoio dos alunos com necessidades educativas especiais, este programa garante a operacionalidade e eficácia no processo de ensino e aprendizagem, O PEI é (artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 3/2008):

- Um documento formal que garante o direito à equidade educativa dos alunos com NEE de carácter permanente;
- Um instrumento de trabalho que descreve o perfil de funcionalidade por referência à Classificação Internacional de Funcionalidade de Crianças e Jovens (CIF-CJ) do aluno e estabelece as respostas educativas específicas requeridas por cada aluno em particular;
- Um documento que responsabiliza a escola e os encarregados de educação que promovam a aprendizagem e a participação doa alunos com NEE de carácter permanente;
- Um instrumento dinâmico que deve ser regularmente revisto e reformulado, uma vez que se fundamenta numa avaliação compreensiva e integrada do funcionamento do aluno, passível de sofrer alterações.

No artigo 10.º encontramos a preparação do PEI, deve ser elaborado em conjunto, obrigatoriamente, pelo docente responsável pela turma, o docente de educação especial e o encarregado de educação, sendo esses os que melhor conhecem o aluno, o PEI prevê todas as medidas educativas, bem como estratégias para que o aluno com necessidade especial, aqui neste artigo representado pela dislexia, possa acompanhar o conteúdo e ter sucesso no processo educativo.

Seu conteúdo é flexível e pode ser alterado sempre que houver necessidade para adequá-lo aos percursos escolares do aluno, tendo como objetivo, facilitar o acesso ao currículo, à participação social e à vida autónoma das crianças e jovens com necessidades educativas de caráter permanente, este documento descreve todo o processo de avaliação e histórico do

aluno, bem como as medidas educativas aplicadas e estratégias que obtiveram resultado com "aquele" aluno, para que desta forma ele obtenha sucesso no processo. Serra (2008) afirma que não existem porções mágicas ou tratamentos adaptáveis a todos os casos, cada caso deve ser tratado de forma singular, específica e particular, Teles (2004) relembra que avaliar sem intervir não faz sentido, porque não permite ultrapassar as dificuldades. Antunes (2009) afirma que não existem comprimidos que curem a dislexia, a solução é o trabalho! Assim que o diagnóstico é confirmado, compete a equipe disciplinar elaborar materiais atraentes, que divirtam e levem a criança a descobrir o mundo da escrita.

Teles (2004) afirma que é possível através de uma intervenção especializada melhorar a qualidade de leitura dos disléxicos, os resultados dos estudos de Sally Shaywitz provam que é possível "realinhar" os circuitos neurológicos se implementado um programa reeducativo, concebido com base nos novos conhecimentos neurocientíficos, esta autora promove a utilização de métodos multissensoriais indicados com o princípio de ensinar, como a aprendizagem multissensorial (leitura e escrita), as crianças, nos primeiros anos de ensino, possuem a necessidade de olhar para as letras impressas, dizer ou subvocalizar os sons, fazer os movimentos necessários à escrita e usar os conhecimentos linguísticos para aceder ao sentido das palavras, desta forma, e sendo utilizadas simultaneamente em várias vias de acesso ao cérebro, os neurônios estabelecem interligações entre si, facilitando a memorização e desta forma a aprendizagem, além do multissensorial existe ainda o método estruturado e cumulativo, onde acontece a organização dos conteúdos sobre a sequência do desenvolvimento linguístico e fonológico, iniciando com elementos fáceis e aumentando a dificuldade progressivamente.

Os conceitos devem ser revistos e ensinados sistematicamente, sempre reforçando a memorização, desta forma tem-se: o ensino direto e explícito, o ensino diagnóstico, o ensino sintético e analítico e a automatização das competências aprendidas.

Dentro da sala de aula, as crianças com dislexia podem adaptar-se a diferentes metodologias de linguagem, Segundo Henningh (2003, p.55) existem quatro técnicas: leitura partilhada; leitura silenciosa orientada; ensino através do recurso a pares e tutórias estabelecidas com alunos de diferentes idades e variam conforme a idade e o nível de competência real da criança, sendo possível fazer adequações para a obtenção de melhores resultados.

Todos esses métodos e estratégias, dependem única e exclusivamente, para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem, da precocidade do diagnóstico da dislexia, da extensão e diversidade das perturbações, do comportamento, da reeducação e principalmente, da participação dos pais, da criança e dos professores envolvidos. Existem facilitadores ou barreiras que poderão, no processo, ajudar e dificultar a aprendizagem, o que importa é acertar no método, ter o apoio da família, motivar e desta forma garantir a eficiência e qualidade no ensino.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do conteúdo estudado, percebe-se que o papel do professor quanto a educação de uma criança especial é extremamente importante, ele media o conhecimento e estimula a criatividade e segurança, qualificar esse profissional quanto as formas e métodos de lidar com a dislexia torna o profissional confiante para aplicar o que conhece e ter sucesso em sua jornada.

É importante ainda citar o papel dos pais quanto a estimulação da criança, e criar entre eles e a escola um laço de aprendizado favorável ao conhecimento do aluno com dislexia, e que apesar de ser um transtorno genético, e ter ou não cura, o aluno possa viver com qualidade e confiança, desenvolvendo suas habilidades e participando de forma ativa na sociedade.

A dislexia é um distúrbio complexo, com difícil diagnóstico, principalmente se levarmos em consideração que cada sujeito é único, com suas particularidades, por este motivo é importante um diagnóstico rápido e bastante fundamentado, para que o aluno possa ter acompanhamento e não ser prejudicado, é o professor quem faz a primeira avaliação e é ele mesmo quem aciona os demais integrantes da equipe multidisciplinar, e por esse motivo é muito importante que esteja atento a todos os sinais de dislexia.

Tendo como base todas as informações acima descritas, podemos acreditar que no futuro todas as crianças, com essa patologia, poderão ser diagnosticadas e tratadas, tendo assim menos evasão escolar por falta de preparo ou de diagnóstico.

Este trabalho tem o intuito de informar educadores e pais quanto as melhores formas de ajudar um disléxico, proporcionado a eles uma vida repleta de vitórias, sem preconceito e repreensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Alegro, 2002.

PENNINGTON, Bruce F. **Diagnósticos de distúrbio de aprendizagem**. São Paulo: ed., Pioneira Thompsaon Learning, 1997. p. 65.

PERREIRA, F. (2008) (coordenação.) **Educação especial – Manual de apoio à prática**. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Direção de Serviços da Educação Especial e do Apoio Socioeducativo.

SERRA, Helena. (2008). **Domínio cognitivo. Estudos em necessidades educativas especiais**. Serzedo: Gailivro SA.

SISTO, Fermino Fernandes; BORUCHOVITCH, Evely; MARTINELLI, Selma de Cássia. **Dificuldade de aprendizagem no contexto pedagógico.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001

TELES, P. (2004). **Dislexia: Com identificar! Com intervir?** Revista Portuguesa de Clínica Geral. Recuperado em 09/06/2016, http://pt.scribd.com/doc/2683714/-Dislexia-como-Identificar-e-Intervir